

ALEXANDER
SÖDERBERG

O OUTRO FILHO

Tradução de Ana Diniz

1

Biarritz

Era relativamente alto e bem constituído, com aquele ar especial que têm as pessoas que passam o dia ao sol. Uma mistura de rugas e vincos na pele com uma enorme dose de sol no olhar – um ar saudável, uma alegria natural.

O dia de trabalho terminara. Eduardo Garcia percorreu o navio ao longo da amurada, subiu a um pequeno barco amarrado à popa e vestiu um corta-vento e um colete salva-vidas. Estava-se em janeiro. As temperaturas rondavam os dez graus, e o frio vindo do mar era agreste e penetrante.

Fez uma curva larga sobre a ondulação e, em seguida, dirigiu o barco velozmente para terra. Biarritz.

Eduardo Garcia levava uma vida tranquila, a vida que ele próprio escolhera.

Na realidade, chamava-se Eduardo Guzman, embora usasse há muito tempo outro nome. Ainda na adolescência, abandonara Espanha e Marbella com a namorada, Angela. Tinham ido para Biarritz, em França, para praticar *surf*. Aí encontraram o seu lugar e aí ficaram. Uma vida nova, um novo nome, um novo país.

Agora, muitos anos depois, tinham dois filhos e exerciam as suas profissões, ele a de biólogo marinho e Angela a de jurista numa pequena firma de advogados da cidade. A única alteração da vida familiar fora o aparecimento de Hasani, um egípcio alto e forte que lhes batera à porta seis meses antes. Hasani fora enviado pelo pai de Eduardo, Adalberto Guzman. Em Estocolmo, as coisas tinham

aquecido. O irmão de Eduardo, Hector Guzman, tinha sido atropelado por alguém de um grupo rival.

A embarcação aproximava-se de terra, e Eduardo avistou os filhos no cais, acompanhados de Hasani. A imagem tinha alguma coisa de cómico: o egípcio enorme, sempre de casaco, com os dois miúdos, alegres, com as mochilas da escola às costas.

Eduardo acenou, e os filhos acenaram também, entusiasticamente. Hasani secundou-os com um gesto mais reservado, como se percebesse que o aceno de Eduardo não se dirigia a ele, mas ao mesmo tempo não querendo parecer indelicado. Hasani era assim.

Eduardo atravessou a cidade com os dois filhos pela mão, percorrendo as ruas que os conduziam às zonas afastadas da rota turística. Era assim todos os dias, uma rotina sempre repetida. Os filhos iam ter com ele ao cais depois da escola, iam comer e beber alguma coisa e, em seguida, iam às compras e iam para casa fazer o jantar, sempre seguidos, à distância de poucos passos, por um Hasani ofegante.

Os miúdos sugeriram o Lord Nelson, cujo aquário com peixes e lagostas os fascinava. Eduardo disse que não; queria sentar-se numa esplanada, apesar de estarem em janeiro e de estar frio. Foram para um café numa pequena praça, onde ele ia muitas vezes. Havia bastante gente e muito movimento. Eduardo e os filhos sentaram-se a uma das mesas mais exteriores, e Hasani à distância de duas mesas.

Quando Eduardo fez sinal ao empregado de que queria o habitual, duas laranjadas e um café, o telefone tocou, no bolso das calças.

– *Sí?*

Era Angela. Disse-lhe que estava atrasada, que o avaliador já ia a caminho da casa deles, e Eduardo tinha de ir abrir-lhe a porta.

Tinham falado em mudar para uma casa maior. Queriam mandar avaliar a casa que tinham e começar a estudar as possibilidades. Eduardo queria que a avaliação fosse feita, mas também queria ficar mais um momento sentado na esplanada.

– OK – disse ele. Desligou e acenou a Hasani.

– Vai andando com os miúdos e abre a porta ao avaliador. Eu já vou lá ter.

Os filhos protestaram, mas Eduardo não cedeu. Queria-os sempre com Hasani e já se habituara a isso. Embora não pesasse sobre eles qualquer ameaça visível, Hasani era um fator de segurança adicional.

Os rapazes deixaram a esplanada, acompanhados de Hasani, e atravessaram a praça. Eduardo seguiu-os com o olhar, sorrindo à postura física de vítimas de um tratamento injusto que eles tinham adotado. O sorriso abriu-se mais quando, uns passos adiante, eles se esqueceram da injustiça e começaram a correr atrás um do outro.

O empregado, transportando o café e as laranjadas numa bandeja, procurou as crianças com o olhar.

– Levo os sumos para dentro?

Eduardo abanou a cabeça.

– Eu levo-os, se puder ser. E vou pedir-lhe emprestado esse jornal – disse ele, apontando para o jornal que o empregado trazia enrolado debaixo do braço.

Bebeu o café, passando os olhos pelas notícias principais, das quais se desinteressou rapidamente, e procurou a secção de desporto e os artigos sobre futebol.

Uma bicicleta aproximou-se. Uma bicicleta de mudanças, com o estalido característico do cubo. Eduardo ergueu os olhos do jornal. O ciclista sentou-se a uma mesa perto dele, na última fila de mesas da esplanada, sobre a praça. Era um homem baixo, que trazia uma mochila às costas. Sentou-se e fez um aceno com a cabeça quando o olhar de Eduardo se cruzou com o dele. Era pálido, com o cabelo cortado à escovinha... Havia alguma coisa no olhar dele...

Eduardo sorriu e continuou a ler o jornal. Encontrou as tabelas dos campeonatos internacionais, começou a ler e ficou horrorizado com o fraco desempenho da sua equipa malaguenha. Não queria ser obrigado a torcer pelo Barça ou pelo Real: era Málaga, ou nada.

Uma rajada de vento varreu a praça, agarrando suavemente as pontas das folhas do jornal, virando-as para dentro e fazendo-as esvoaçar silenciosamente. Ao mesmo tempo, ouviu os estalidos do cubo da bicicleta, que se afastava do café. Eduardo ergueu o olhar, seguiu o ciclista por um momento e voltou à leitura do jornal.

Na sua mente, surgiu uma imagem insistente do ciclista. Uma imagem que lhe trazia à consciência o facto de haver alguma coisa

de errado, alguma coisa que faltava. Eduardo voltou o olhar para a mesa a que o homem estivera sentado. O que é que tinha visto? O homem parecera-lhe mais pequeno quando partiu? Faltava alguma coisa? Um casaco? Não, outra coisa. Eduardo procurou na memória... A mochila!

Baixou-se. Sim, a mochila estava ali, debaixo da cadeira. Uma mochila preta, imóvel, como estão habitualmente as mochilas. Mas esta parecia ter vida própria. Como se Eduardo conseguisse distinguir qualquer coisa que não era visível. Uma vida, dentro da mochila, que em breve a faria mover-se.

E assim aconteceu.

A velocidade de uma sensação é porventura superior à velocidade da luz. Eduardo teve tempo de sentir, durante um nanossegundo, gratidão. Um breve mas intenso sentimento de gratidão por a mão de Deus ter afastado os filhos que ele tanto amava da situação terrível que naquele momento o atingia e estilhaçava a sua existência.

A onda de calor da poderosa explosão fez evaporar tudo naquela área, desde o café e as laranjadas até à própria saliva dele, as lágrimas, o suor, o sangue, os fluidos corporais.

Tudo aquilo que fora Eduardo Guzman desapareceu no nada infinito.

2

Estocolmo

Longos pingos de gelo pendiam das goteiras nos telhados. O frio instalara-se, mas quase não havia neve. O inverno mostrava-se indeciso naquele ano.

Sophie caminhava com Albert, na cadeira de rodas, ao lado dela, dando impulsos lentos com os braços, acompanhando-lhe o passo.

A esta hora da manhã, raramente falavam. De vez em quando, ela passava levemente a mão pelo ombro dele. Visto pelo canto do olho, ele podia ser um rapazinho. Mas não era. Tinha quase 17 anos. Um adolescente que cuidava da sua aparência, praticava esporte e fazia tudo para viver uma vida tão normal quanto possível com uma lesão na medula.

Mas a vida era, naturalmente, diferente desde que ele fora atropelado, seis meses antes. Os amigos eram menos, mas Anna ficara. Sophie sentia que havia amor entre eles, amor verdadeiro, que chegava e ainda sobrava para ela. Mas havia também outra coisa. Uma dor que ele não sabia dominar, que ela não sabia dominar e de que não conseguiam falar.

Abraçaram-se à entrada da estação de metro junto à Universidade Técnica.

– Beijinhos, meu querido. Até logo.

Ele respondeu com um sorriso de adolescente e dirigiu a cadeira de rodas para o elevador em que desceria até à plataforma.

Albert tinha crescido. Sophie não queria que ele crescesse. Queria que ele fosse para sempre uma criança, para ela poder ser sempre

mãe e nunca estar sozinha. Era um sentimento triste e patético ao mesmo tempo.

Ficou ali, à espera, até ter a certeza de que o comboio de Albert tinha partido, e depois desceu também para a plataforma e apanhou o comboio seguinte.

A composição avançava velozmente no túnel subterrâneo. Sophie olhava para fora, sem ver. Saiu em Östermalmstorget e deu uma volta pelas ruas em redor de Stureplan, para ver se estava a ser seguida. Por fim, chamou um táxi.

Sentou-se no banco de trás e indicou ao taxista um endereço na City, a zona do comércio.

Perto da rotunda de Sergel, inclinou-se para a frente.

– Espere, mudei de ideias. Pode dar duas voltas à rotunda, por favor, depois saia para a Sveavägen e seguimos para Frescati.

O motorista lançou-lhe uma olhadela rápida pelo retrovisor.

– Certo, minha senhora. Não há problema.

Sophie virou-se e olhou pelo vidro traseiro. Não era o suficiente, apenas um dos mil detalhes de segurança que Leszek lhe impusera. *Nunca baixar a guarda*, repetia ele, vezes sem conta.

Depois de uma volta completa à rotunda, nenhum carro os seguia, tal como ela previra.

Sophie endireitou-se no assento. Lá fora, o tráfego, as pessoas, os carros e uma imagem esbatida dela própria, refletida no vidro. Apercebeu-se de uma expressão crítica no seu rosto, como se estivesse na iminência de responder a um insulto. Mas não. A expressão crítica era o resultado fisiológico de ela se encontrar constantemente num estado de medo, tensão e cólera simultâneos.

O táxi parou em Kräftriket, junto ao bonito conjunto de edifícios de tijolo, alguns dos quais funcionavam como anexos da universidade situada no outro lado da autoestrada. Sophie pagou ao taxista e entrou num edifício de três andares que albergava uma série de pequenas empresas. Subiu ao primeiro piso pela escada de pedra, abriu uma porta desconhecida e percorreu um corredor ladeado de gabinetes vazios, não mobilados, e uma pequena sala de conferências envidraçada, em cujo quadro branco alguém tinha inscrito cálculos

matemáticos com uma caneta de ponta de feltro preta. Pareciam cálculos complicados e, sem se questionar, decidiu que estavam para além da sua compreensão.

No fim do corredor, Sophie abriu uma porta e entrou.

– Desculpem o atraso.

Ernst Lundwall, concentrado a folhear uma pilha de papéis, não respondeu. Leszek estava sentado numa cadeira, mais adiante.

– Olá, Leszek – disse ela.

Leszek também não respondeu – não por indelicadeza, mas porque nunca cumprimentava ninguém.

Sophie sentou-se no lugar da mesa onde estava um telemóvel pousado.

Observou os dois homens. Ernst, o conselheiro de Hector nos domínios jurídico e económico, que tinha um conhecimento geral quase impossível de toda a organização. Uma pessoa com uma inteligência complexa e um marcado desinteresse pelos outros seres humanos. E Leszek Smialy, guarda-costas do pai de Hector, Adalberto Guzman, durante muitos anos, agora ao lado dela, como uma mistura confusa de protetor, guarda e supervisor.

Olhou em volta. Janelas altas a dar para Brunnsviken. O mobiliário era constituído por peças antigas, bonitas, num conjunto coerente, em estilo e qualidade. Nunca tinha estado nesta sala e não voltaria a vir cá. Era a prática habitual para estas reuniões, que tinham lugar uma vez por semana, sempre num local novo, que lhe era indicado poucas horas antes.

O telefone pousado na mesa diante dela vibrou. Sophie esperou uns segundos e depois atendeu.

– Sim?

– Quem está na sala? – A voz de Aron.

– O Leszek e o Ernst.

– O telefone está em alta-voz?

Sophie ligou a função de alta-voz e pousou o telemóvel na mesa. Havia algum ruído de fundo, talvez por a rede não ser muito boa na montanha do sul de Espanha onde Aron se encontrava.

Ouviu-se um ruído na linha, e de novo a voz de Aron.

– O Eduardo, irmão do Hector, foi assassinado ontem em Biarritz.

Se já reinava o silêncio na sala, neste momento ele adquiriu uma nova dimensão.

Sophie olhou para as mãos pousadas no colo. Não conhecia Eduardo, só tinha ouvido falar nele, no irmão de Hector...

– O que é que aconteceu? – perguntou ela.

– Uma bomba num café.

Silêncio.

– A bomba era para ele?

– Deduzimos que sim.

Sophie observou Ernst e Leszek. Ernst não mostrou qualquer reação; manteve o mesmo rosto inexpressivo de sempre. Leszek, porém, com os cotovelos assentes nos joelhos, os olhos postos no chão, parecia ter, de repente, ficado sem ar, e era a imagem da tristeza. Era ele a pessoa, naquela sala, que melhor conhecia Eduardo, ainda que não lhe fosse muito próximo. Por ordem de Adalberto, mandara Hasani para Biarritz, com a missão de proteger Eduardo e a família. Mas que pode um guarda-costas contra uma bomba?

Leszek ergueu o olhar.

– E as crianças? A Angela?

– Estão protegidos. O Hasani levou-os para outro sítio.

– A Inez e a família dela também têm de ser protegidos.

Inez, a irmã de Hector, também se tinha afastado das atividades do irmão e vivia em Madrid, casada e mãe de dois filhos, um rapaz e uma rapariga.

– Eu trato disso – respondeu a voz de Aron no amplificador de som.

Sophie acariciava uma mão com a outra.

– Quem foi? – perguntou.

Do altifalante saiu uma restolhada e pouco depois, novamente, a voz de Aron.

– ... Não sei.

– Pode ter sido um acidente, um erro?

– Não.

– Mas ele vivia sob uma identidade falsa, ele e a família... – continuou Sophie.

– É verdade – respondeu Aron, sem mais explicações.

– Porquê agora? Porquê o Eduardo?

– Sabe-se lá...

Aron mudou de tom.

– Ernst?

– Sim? – respondeu este, continuando a olhar para os papéis.

– Larga tudo o que não seja relevante neste momento. Quais são os pontos críticos?

– Três. Primeiro, Don Ignacio está outra vez a apertar connosco, quer expandir, está a insistir muito e a perguntar pelo Hector, quer falar pessoalmente com ele.

– O que é que tu lhe tens dito?

– O mesmo de sempre, que é este o acordo que temos, por razões de segurança.

– Ele acredita em ti?

– Não, e parece-me que não dá para continuar a arrastar isto.

– O segundo?

Ernst mudou os papéis e falou dos outros focos de preocupação. Havia o negócio da contrafação de produtos alimentares, artigos de marca e medicamentos, onde tinham muito dinheiro investido, e a questão das pessoas de empresas cotadas na Bolsa, a quem eles extorquiam informações.

Sophie rodou o anel no dedo anelar da mão direita.

Passara os últimos seis meses a fazer isto – a ouvi-los falar, a fazer o que lhe pediam, viajando para se encontrar com pessoas que detestava, a maioria delas homens adultos com um intelecto de criança, cheios de banalidades e desempenhando muito mal o papel de *gangster*.

Também ela desempenhava um papel, o papel de uma pessoa que não era. Tranquilizava, assegurava que Hector estava bem e a dirigir todas as operações a partir do seu local de refúgio. Mas era mentira, claro. Nada estava bem, e Hector não dirigia nada. Continuava em coma. Era Aron quem dirigia tudo, com a participação dela, de Ernst e de Leszek, numa cooperação frutuosa, que tinha por objetivo manter o navio à tona de água.

Odiava a sua situação. Tinha medo quando se deitava, à noite, e tinha medo quando se levantava, de manhã. Não queria participar

nisto. Mas não tinha outro remédio, como Aron lhe afirmara com firmeza. Paradoxalmente, apesar de tudo isto, Sophie sentia-se em segurança, como se estivesse entre amigos. Especialmente com Leszek, que estava sempre com ela, que lhe assegurava proteção, que lhe recordava a todo o momento as condições em que se encontravam, a posição que ela ocupava, a importância e a gravidade de tudo. A segurança que ela sentia era, obviamente, artificial.

Sophie ouviu pronunciar o seu nome e regressou ao presente. A voz de Aron chegou-lhe, roufenha, através do amplificador.

– ...Sophie, atende.

Ela pegou no telemóvel que estava em cima da mesa, desligou a função de alta-voz e encostou-o ao ouvido.

– Sim?

– Quero que marques uma reunião com Don Ignacio.

– Porquê?

– Para os tranquilizares. Expõe-lhes a situação, mas sem dizer tudo.

Aron parecia estar pressionado, embora contido.

– Precisamos de os ter do nosso lado, mas não podemos expandir neste momento. Pede-lhes paciência. Sobe-lhes a percentagem, se for absolutamente necessário.

– O Ernst já lhes disse isso tudo, várias vezes.

– Diz outra vez.

– Não vai resultar.

As palavras dela ficaram a pairar no ar.

– Precisamos de tempo. A diferença é essa. É isso que tu tens de obter.

– Não é boa ideia, Aron.

– É, sim.

Sophie sentiu vestígios de desespero na voz dele. Aron tinha demasiadas coisas em mãos, demasiadas coisas para controlar.

– Encontro-me com eles onde?

– Tens de ir ter com eles. Pede ao Ernst que organize o encontro.

– Na Colômbia?

– É lá que eles vivem.